1

Introdução

De maneira geral, cada filósofo consagrado pela tradição possui um tema pelo qual sua filosofia é identificada. Platão e a teoria das idéias, Heidegger e o ser, Descartes e o *cogito*, Bergson e o tempo; estas identificações, mesmo que possuam algo de redutoras, servem de fio condutor à maneira como se desdobra o pensamento de cada autor. Ainda que venham a explorar outros temas, como, por exemplo, Heidegger em seus textos sobre poesia ou Platão refletindo sobre a política, as novas discussões não podem ser entendidas como outra coisa do que consequência daquele ponto central.

Há, em primeiro lugar, um esforço de cada autor para, em suas obras iniciais, afirmar este tema principal. Ao fazê-lo, os autores esbarram numa forma de pensamento consolidada e consagrada pela tradição que é necessário superar. O novo tema apresentado, desta forma, surge como possível solução aos impasses de cada época. Para Bergson, por exemplo, a filosofia nunca foi capaz de distinguir devidamente o tempo do espaço, o que a levou a uma concepção abstrata e distanciada da realidade.

No caso do autor aqui tratado, Merleau-Ponty, não há dúvida sobre qual seria este ponto central, a percepção. Em qualquer momento de sua obra, este foi o tema regente de suas pesquisas; aquele pelo qual seu pensamento se origina, deriva e insistentemente retorna. Mesmo nos últimos anos de produção, ao tentar se afastar dos parâmetros fenomenológicos do início de carreira, ainda é a percepção a incessante interrogação do filósofo.

“A percepção é um paradoxo, e a coisa percebida, em si mesma, paradoxal”¹, nos afirma Merleau-Ponty. Esta declaração, retirada da apresentação da tese de doutorado do filósofo, anuncia a maneira como este tema aparecerá em sua obra. Há um forte estranhamento em se pensar a percepção em relação ao modelo tradicional,

¹ MERLEAU-PONTY, 1989, pág. 48.

cuja análise requer uma apresentação clara e distinta dos elementos analisados. Isto quer dizer que a estrutura da percepção permaneceu invisível aos olhos sistemáticos da metafísica clássica.

Ao mesmo tempo afirmando e assumindo este paradoxo, Merleau-Ponty descobre uma ordem inteiramente nova de questões. Nossa inerência a um mundo sensível, sociedade e momento histórico específicos parecem passar despercebidas às análises clássicas, que julgam como maior virtude do pensamento se liberar destas “amarras”. A razão metafísica busca, assim, leis atemporais, eternas e imutáveis, motivo pelo qual se reportar a uma existência particular representa negar o seu próprio êxito.

O caminho metafísico por excelência foi o de tentar se desgarrar da temporalidade, se retirar do mundo sensível rumo à eternidade. Platão sintetizou esta ânsia ao evocar a antecedência e superioridade das Idéias em relação ao mundo sensível. Morada da verdadeira essência da realidade e apenas acessível ao pensamento, a contemplação deste âmbito exigia como condição um abandono completo de qualquer indício sensível:

Sócrates: Se há um meio através do qual algum dos seres se manifesta à alma, acaso não será esse o raciocínio?

Símias: Sim.

Sócrates: Então, acaso a alma não raciocina melhor quando nenhum desses sentidos a perturbe, nem a vista, nem o ouvido, nem o prazer, nem a dor, mas quando se recolhe só em si mesma e, deixando o corpo e rompendo o contato e a comunhão com o corpo na medida do possível, com toda a sua força fixe o olhar no ser?

Símias: Assim é.

Sócrates: E portanto, também nesse caso, a alma do filósofo não despreza acaso o corpo e não foge dele, buscando permanecer só consigo mesma? (PLATÃO Fédon, 65c).

Em Descartes, vemos a busca por uma essência atemporal transmutada num questionamento sobre as relações entre sujeito e objeto. Deste modo, a princípio, poderíamos supor neste momento uma revalorização da realidade concreta. O

pensamento filosófico se volta para questões situadas no mundo físico ao invés de tentar suprimi-lo. Desde logo, a questão imposta pelos filósofos modernos passou a ser: como é possível a um ser pensante se relacionar com aquilo que lhe é substancialmente oposto?

No entanto, apesar deste questionamento interessar, de alguma maneira, àquele feito por Merleau-Ponty, o que o distancia deste último é a abstração à qual ela se mantém. A solução do pensamento moderno continua se fixando em instâncias além de nossa experiência concreta. Tanto o sujeito, como o objeto, apenas são acessíveis em sua verdade via negação das amarras sensíveis. A estrutura metafísica, aquela mesma expressa no trecho acima de Platão, permanece, portanto, inalterada.

O sujeito, senhor absoluto de suas operações, se torna mais um espírito absoluto e, até mesmo, um Deus, do que um ser mortal, finito e limitado. Desde seus atos mais simples, como a percepção do mundo externo, até a fala são criados por este núcleo pensante transcendente ao mundo. O objeto, por sua vez, não seria nada daquilo que os sentidos dele apreendem. As qualidades, apenas um obstáculo à verdadeira apreensão da matéria, necessitariam do pensamento para se tornarem acessíveis.

Merleau-Ponty faz de sua obra uma radical tentativa de superação destes parâmetros metafísicos. O mundo sensível constitui o solo inicial e sempre evocado a partir do qual, segundo o filósofo, todo o conhecimento ou interrogações se derivam. “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo pela ciência, eu o sei a partir de uma vista minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não diriam nada”².

A afirmação do âmbito sensível como o verdadeiro ponto de partida filosófico foi aprendida pela leitura de Husserl e sua fenomenologia. Esta relação com o fundador da fenomenologia, aliás, é marcada por uma filiação respeitosa e, ao mesmo tempo, um distanciamento. A influência marcante de Husserl fica evidente na escolha do título para a sua segunda obra do filósofo francês, *Fenomenologia da Percepção*. Esta explícita referência demonstra haver aí uma intenção em seguir os preceitos fenomenológicos. Poderíamos, deste modo, pensar o livro primeiramente como mera

² MERLEAU-PONTY, 1945, pág. 9.

aplicação do método de Husserl no campo específico da percepção. No entanto, o próprio filósofo alemão já trata deste tema desde seus escritos iniciais, retomando-o em diversas ocasiões. Deve haver, portanto, alguma mínima diferenciação para que Merleau-Ponty tenha se decidido a escrever uma obra com uma referência tão explícita, mas capaz de acrescentar algo à obra de Husserl. Na verdade, trata-se bem mais do que isso.

Merleau-Ponty, além de Lévinas e Sartre (apenas para citar os mais célebres exemplos) pertenceram à geração de estudantes de filosofia que receberam a difusão da fenomenologia no pensamento francês. Estes futuros filósofos, além de estudarem profundamente a fenomenologia de Husserl e de seu mais próximo discípulo, Heidegger, estiveram atentos às importantes consequências que estas idéias trouxeram à filosofia. Sartre, num texto intitulado *Uma idéia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade* nos fornece um testemunho significativo de como a descoberta deste pensamento afetou o cenário acadêmico francês.

Dominadas até então pelo neokantianismo, a filosofia de Husserl incitava uma maneira nova de fazer filosofia nas universidades. A máxima fenomenológica “de volta às coisas mesmas” exigia um pensamento que recolocasse o mundo vivido como base da reflexão filosófica e, ao mesmo tempo, acusava o abstracionismo a que a metafísica tradicional havia chegado.

Tão logo colocada esta orientação, vemos a ânsia metafísica de desprendimento espaço-temporal ser questionada. A exigência fenomenológica sugere justamente o contrário da tradição. Ao invés do pensamento buscar a altura das fórmulas abstratas, o mundo sensível se torna o parâmetro para a reflexão filosófica.

O mundo percebido e o corpo próprio não são, como era para o pensamento moderno, aquilo que suscita a dúvida mais radical, mas o ponto seguro de onde a fenomenologia deriva o seu pensamento. Na verdade, o filósofo recoloca a própria noção de certeza, pois ela deixa de ser o ponto de apoio de uma elaboração intelectualmente construída para ser a experiência inalienável do corpo e do mundo sensível.

“A fenomenologia – nos diz Merleau-Ponty – é uma filosofia que recoloca as essências na existência, e não pensa que se pode compreender o homem e o mundo de outra maneira que a partir de suas *facticidades*”³. Esta frase, parte de um comentário sobre o projeto fenomenológico, contém toda a problemática a partir da qual Merleau-Ponty elabora a sua crítica.

O projeto principal de Merleau-Ponty é levar a cabo aquilo mesmo preconizado por Husserl, mesmo nos pontos em que este último parece abandonar seus próprios princípios. De fato, o Husserl do início de carreira colocava a volta ao mundo sensível como ponto de apoio, mas que servia apenas como solo seguro para a afirmação de uma subjetividade transcendental. Neste sentido, seu projeto ainda se mantinha metafísico por excelência. Merleau-Ponty, ao contrário, tenta encontrar o ponto de inerência entre sujeito e mundo e aprofundar esta relação, ao invés de tentar ultrapassá-la.

Tentar ressaltar este momento foi justamente a tarefa assumida neste trabalho. Buscamos inicialmente nos centrar na tentativa de Merleau-Ponty em encontrar um laço sólido o suficiente entre sujeito e objeto capaz de desmentir a possibilidade de uma separação teórica entre estas instâncias. Deste modo, acontece aquele movimento anti-metafísico de “descida” ao mundo sensível, característico do filósofo, em que “o mundo como percebido seria o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda a existência. Uma concepção deste gênero não destrói nem a racionalidade, nem o absoluto. Busca fazê-los descer à terra” (MERLEAU-PONTY, 1989, pág. 42).

Uma vez afirmado este laço ininterrupto, um segundo momento de nossa pesquisa tentará mostrar as conseqüências filosóficas de tal colocação. Como o sujeito e objeto, que jamais podem ser separados do mundo das sensações, devem ser agora compreendidos. A percepção deixa de ser uma mera área de tráfego entre uma substância extensa a outra inextensa, e passa a designar o meio pelo qual ambos tiram suas “espessuras”, ou seja, o ponto a partir do qual sujeito e objeto se constituem.

Tão logo o problema da percepção se renova, vemos uma antiga questão, já incômoda para Descartes, se recolocar. O corpo deixa de ser um objeto dentre os

³ MERLEAU-PONTY, 1945, pág. 7

outros e passa a designar o veículo de nossa presença no mundo. Ao nos impregnar de sensações e percepções, o simples fato de possuir um corpo, como veremos adiante, impossibilita a sublimação da subjetividade tal como quis a metafísica clássica.

Em seguida, veremos de que maneira a colocação do corpo como protagonista da percepção transforma, por outro lado, a noção clássica de objeto. O mundo sensível se transforma, assim, de espaço absoluto matematizado a uma materialidade concreta, cujas múltiplas sensações são a mais espontânea forma de relação conosco. É pelo sentir, e não pelo pensar, que o homem se dirige ao sensível.

Mesmo o pensamento, entendido usualmente como propriedade exclusiva da subjetividade, encontra em Merleau-Ponty um redimensionamento no sensível. É deste modo que, no quarto capítulo, daremos especial ênfase à linguagem. Segundo Merleau-Ponty, a fala não designa um termo acessório do pensamento, mas, numa expressão que utilizaremos adiante, sua necessária ‘vestimenta’. Apenas assumindo uma materialidade pode qualquer pensamento se cumprir. A capacidade de utilizar a linguagem, veremos igualmente, não ocorre de um fenômeno isolado de transcrição de pensamento, mas na medida em que o corpo inteiro entra nesta dinâmica. Para o filósofo, é o corpo, como possibilidade aberta de comportamentos, que pensa.

Desta forma, o pensamento de Merleau-Ponty parece levar para a filosofia uma mesma urgência já presente em artistas como Cézanne. Encontrar um âmbito da experiência em que o pensamento reflexivo ainda não interviu parece o esforço comum destes autores. Do mesmo modo como o encontro da sensação pura é perseguida na arte do século XX, e principalmente na pintura, o filósofo irá afirmar que “o primeiro ato filosófico seria, portanto, voltar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo”⁴.

Se tomarmos do termo ‘religião’ o seu sentido etimológico – o de uma religião a uma fonte originária-, veremos como o próprio pensamento de Merleau-Ponty se revela como um esforço semelhante. Desta maneira, encontramos na conclusão de nosso trabalho uma proximidade inusitada entre este pensamento e a teologia barroca, exemplarmente expressa na figura de Antônio Vieira. Em todas

⁴ MERLEAU-PONTY 1945 pág. 84

estas obras vemos como a tematização do sensível em suas bases nos leva à idéia de comunhão – tanto com o mundo sensível (ou o divino, no caso da teologia barroca), como entre os homens.